Geografia Regional dos Países Centrais

Genésio José dos Santos
Sônia de Souza Mendonça Menezes

São Cristóvão/SE
2012

Sumário

Aula 1

A FORMAÇÃO HISTÓRICO-ESTRUTURAL DOS PAÍSES CENTRAIS E A RELAÇÃO COM A EVOLUÇÃO DO CAPITALISMO

META

Desmistificar o paradigma do eurocentrismo e focar a sua relação com a evolução do capitalismo.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Compreender o processo histórico-econômico de formação dos países centrais na perspectiva relacionada a evolução do capitalismo;

Entender os mitos instituídos pelos colonizadores sobre a formação da Europa e a constituição do eurocentrismo.

Genésio José dos Santos

INTRODUÇÃO

Na trajetória em curso da sua formação acadêmica em Geografia, iniciamos um novo itinerário, agora pelos Países Centrais um percurso que terá inicialmente discussões teóricas essenciais para a compreensão do espaço geográfico em especial dos Países Centrais (Europa, Estados Unidos, Canadá, Japão, Austrália e Nova Zelândia).

Nesta aula, apresentaremos uma reflexão sobre a formação histórica dos Países Centrais - nesse caso da Europa - conceitos essências para o entendimento da apropriação do espaço e os seus desdobramentos integrados com a evolução do capitalismo, com a sua dinâmica excludente e opressora na escala global. Na discussão do processo de formação do continente europeu, exige-se do professor a desmistificação de determinados enfoques os quais enfatizam a supremacia da Europa e a sua missão civilizatória no processo de colonialismo isto é, o eurocentrismo. O mito europeu necessita ser redimensionado, o que vai requerer do professor mais do que apenas o conhecimento do conteúdo, ele precisa redimensionar seus valores para não se deixar levar por opiniões que perdura a visão do colonizador. O resgate da formação histórica e estrutural da Europa correlacionado a evolução do capitalismo serão abordados visando uma compreensão da expansão do capitalismo e da supremacia dos Países Centrais, o que torna necessário pensá-las constantemente sobre os vários elementos que podem ser utilizados para possibilitar uma aprendizagem contextualizada e significativa nessa disciplina.

É importante que você leia os textos e realize as atividades durante a leitura, porque elas serão importantes para a compreensão das etapas seguintes.

A FORMAÇÃO HISTÓRICO-ESTRUTURAL DOS PAÍSES CENTRAIS E A RELAÇÃO COM A EVOLUÇÃO DO CAPITALISMO

Na disciplina Países Centrais temos como objetivo suscitar discussões a respeito de conceitos que estão arraigados na memória de professores e alunos, fundamentada no paradigma do eurocentrismo, e reforçada por vezes em livros didáticos. Como adverte Anibal Quijano (2005) precisamos provocar a querer aprender e a nos libertar do espelho eurocêntrico, assim como, refletir sobre o que não somos (identidade construída pelos europeus pós o domínio nas colônias).

De início, é fundamental propor uma discussão abalizada nos estudos de Enrique Dussel (2005), no qual o autor ressalta primeiramente o denominado "deslizamento semântico" ocorrido com o nome Europa. Ele reporta que a referida nomenclatura sofreu significativas variações ao longo da História, de acordo com o papel por ela desempenhado no próprio contexto histórico.

Para o autor, "a mitológica Europa é filha de fenícios, logo, de um semita. Esta Europa vinda do Oriente é algo cujo conteúdo é completamente distinto da Europa "definitiva" (a Europa moderna)" (id. 2005, p.55). Nos seus estudos ele enfatiza o equívoco que se faz ao confundir a Grécia com a futura Europa. A Europa futura situava-se ao Norte da Macedônia e ao Norte da Magna Grécia na Itália. O lugar da futura Europa (a "moderna") era ocupado pelo "bárbaro" por excelência, de maneira que posteriormente, de certo modo, usurpará um nome que não lhe pertence.

É conveniente realçar que nos primórdios a Ásia e a África (o Egito) são as culturas mais desenvolvidas, e os gregos clássicos têm clara consciência disso. Enquanto isso, a Europa "moderna" (em direção ao Norte e ao Oeste da Grécia) é considerada por Dussel(2005) como o incivilizado, o não-humano, logo, a diacronia unilinear Grécia-Roma-Europa é um invento ideológico de fins do século XVIII romântico alemão.

Assim, apresentaremos nessa aula o entendimento a respeito da Europa, segundo os autores Dussel(2005), Coronil(2005) e Quijano(2005). Eles abordam acerca do papel hegemônico do continente europeu e ressalta que por vezes esse papel é confundido com as iniciativas dos impérios (então em formação ou em pleno apogeu) como o português, espanhol, inglês, holandês, francês, belga, alemão e inclusive até mesmo italiano. Logo, observa-se uma grande confusão imposta pelo colonizador.

O domínio dos povos denominados europeus inicia com o ciclo das "grandes navegações", que constituiu como resposta à tomada de Constantinopla pelos turco-otomanos, fruto do uso de truculência e obscurantismo colonialista desses povos. Posteriormente, os demais impérios localizados na denominada Europa na ânsia de conquistar nova rota comercial para as Índias adota as mesmas práticas truculentas dos turcos-otomanos. Entretanto, essa prática era vista como algo normal típico do colonizador, nesse sentido, Enrique Dussel(2005) lembra que em determinados períodos a Europa ou os seus países postulavam como símbolo a "vocação imperial – isto é, no senso comum ocidental, não existia pais europeu digno do nome sem colônia". Por conseguinte, o fato de possuir o domínio sobre territórios constituía em característica fundamental, símbolo do poder, da força e da riqueza.

No âmbito desta aula, propomos uma discussão das questões mais diretamente vinculadas a difusão do paradigma eurocentrista e mais diretamente ao colonialismo a partir da experiência da América Latina. Vejamos alguns exemplos dessa investida dos denominados colonizadores no Novo Mundo.

A CONQUISTA DO "NOVO MUNDO" E O PARADIGMA EUROCENTRISTA

No século XVIII, filósofos do iluminismo fundamentaram o projeto de modernidade, no qual o desenvolvimento da ciência, do conhecimento

demonstrava um caráter um padrão mundial de pode tendo como norteador o modelo ditado, criado, elaborado pelo europeu. Logo, o europeu é concebido como moderno, avançado, atualizado, enquanto isso, os demais, os outros, as colônias, o restante das culturas e povos não tem valor, são renegados, desvalorizados, bárbaros, ignorantes, rudes, selvagens. Esse constituiu no modelo reconhecido como eurocentrismo, modo próprio de produzir conhecimento. O Eurocentrismo consiste em difusão de uma perspectiva de conhecimento cuja elaboração sistemática começou na Europa Ocidental antes de mediados do século XVII.

Esse modelo específico de conhecimento se torna mundialmente hegemônica colonizando e sobrepondo-se a todas as demais ou diferentes culturas, e a seus respectivos saberes concretos, tanto na Europa como no resto do mundo. Porém, esta categoria não vincula toda a Europa, isto é, não condiz a todos países que atualmente conformam o continente europeu.

Esta civilização moderna, auto reconhecida como superior, moderna e, compadecida com a ignorância de outros povos bárbaros, rudes, selvagens procura deverá desenvolver estes povos. Além disso, precisam divulgar a fé cristã aos bárbaros e caso estes rudes não aceitem o processo civilizatório, "a práxis moderna deve exercer em último caso a violência se necessário for isto é, deve ser instaurada a guerra justa colonial"(DUSSEL, 2005,p. 64). Por conseguinte, o avanço domínio europeu em vários momentos significou o extermínio em massa dos povos que não se deixavam converter ou explorar, e nome da "missão civilizatória".

Precisamos resgatar os fatos históricos. Lembrem-se os ibéricos ao conquistarem o Novo Mundo que a denominam posteriormente de América (Latina), depararam com numerosos povos, com identidade, cultura, língua e história distintas. Dentre eles destacavam-se os astecas, maias incas entre outros com uma cultura desenvolvida para os padrões europeus.

Os europeus tratam de destruir a riqueza construída por esses povos, exterminar e reduzir todos os grupos a uma cultura e identidade denominando-os de índios. As consequências do poder eurocentrista resultaram na divulgação do estereótipo inferior desses povos e da superioridade alardeada do europeu. Portanto, a Europa enquanto identidade civilizatória, moderna ou símbolo da modernidade, decorre somente após o fenômeno da colonialidade na América. Após o domínio do Novo Mundo (América) que a Europa constituirá as bases para o domínio do mercado mundial. Para tanto, as atividades primárias como a mineração e a agricultura constituíram bases fundamentais para o enriquecimento e o domínio do europeu.

Para Dussel (2005) o problema fundamental da nossa identidade latino-americana está na oposição à interpretação hegemônica de Modernidade, pois esta se apresenta necessariamente eurocêntrica porque indica como pontos de partida fenômenos que necessitam de explicações unicamente da Europa para justificar os processos, como: a Reforma Protestante, a Ilustração e a Revolução Francesa. A outra Modernidade consiste em definir

como fundamental do mundo moderno uma compreensão histórica que tem como ponto de partida a Conquista da América (1492), ou seja, quando a América Latina surge como a "outra face", aquela que é dominada, explorada e encoberta.

O colonialismo implementado na América Latina apresenta-se permeado de violência em que aquela civilização moderna se julga superior, o que lhe obriga a "desenvolver os mais primitivos e bárbaros" e que impõe processos educativos que tem a Europa como referência. A violência colonial, neste caso, não tem somente o objetivo de garantir o respeito dos homens e das mulheres subjugadas, também procura desumanizá-los de maneira que ser latino-americano passa a significar ser estrangeiro em sua própria terra, é ser tudo "o que não somos."

Para Dussel (2005), trata-se da realização da trans-modernidade porque o que a modernidade definiu como "emancipação" diz respeito desde seu lugar ("nós", Europa) e não desde o lugar dos "outros".

É nesse ambiente de colonialidade que procuramos compreender o significado e as intencionalidades, dos colonizadores e a construção de teorias nas quais enfatizavam o poder supremo da Europa e dos europeus e o não reconhecimento das civilizações então existentes nas colônias. Subjugar a nossa cultura, as técnicas os conhecimentos existentes naturalizava a opressão e a dominação das riquezas em nome da fé, do racionalismo, da civilização.

De acordo com os postulados teóricos de Enrique Dussel (1993), "o eurocentrismo é exatamente o haver-se confundido a universalidade abstrata com a mundialidade concreta hegemonizada pela Europa como centro". O que se entende por eurocentrismo, ainda com base na assertiva de Dussel (2005), é o ponto de vista de um mundo que funciona graças à lógica cultural europeia. Entretanto, essa lógica vai influenciar outros países, sobretudo no século XX, quando pensamentos, atitudes e ações implementadas por outras nações não europeias apresentam esse teor de domínio e supremacia e avassalamento de culturas em favor da cultura.

Faz-se necessário refletirmos sobre as relações entre aqueles povos conhecidos como dominantes/exploradores e os denominados dominados/explorados e identificaremos as arremetidas implementadas pelos Estados Unidos (um dos países centrais) na contemporaneidade idêntica ao eurocentrismo. As práticas dessa "potência capitalista" é considerado para vários autores como típica, semelhante às práticas e a difusão de ideias difundidas pelos europeus quando da chegada ao Brasil e a outros países da América. Mas, de acordo com Coronil (1999), a terminologia não deve ser a mesma eurocentrismo para os dois grupos. Ele defende que deve ser utilizada na contemporaneidade a denominação Ocidentalismo visto que abarca os europeus e os norte-americanos com praticas semelhantes já ressaltada anteriormente.

Atualmente esse autor ressalta o avanço da exploração capitalista foi modificado sobretudo a partir da década de 1970, e está relacionado à al-

teração na concentração e no caráter dos fluxos financeiros facilitados pelo avanço do meio técnico cientifíco-informacional que proporcionou novas formas de integração global as quais estão interligadas a uma polarização social dentro de algumas nações e entre as mesmas – os Países Centrais.

Contextualizar o ocidentalismo se refere a uma maneira mais ou menos ampla às estratégias imperiais de representação de diferenças culturais estruturadas nos termos de uma oposição entre o Ocidente superior e os outros povos subordinados. Todavia, o paradigma atual estar relacionado a globalização. Os novos discursos os quais ressaltam o avanço do capital nos países em desenvolvimento, da tecnologia da descentralização industrial facilitados pelos avanços científicos eliminando as barreiras entre países, se faz necessário destacar o denominado globocentrismo.

Nesse sentido, De acordo com Fernando Coronil (2005. P. 126) ressalta o globocentrismo expressa a persistente dominação ocidental através de estratégias que incluem:
1. a dissolução do Ocidente no mercado e sua coristalização em nódulos de poder financeiro e político menos visíveis;
2. a alternação de conflitos culturais através da integração de culturas distantes num espaço global comum;
3. uma mudança da alteridade à subalternidade como a modalidade dominante de estabelecer a diferenças culturais.

Esse novo paradigma difunde e a diferença cultural está dissolvida no mercado onde as fronteiras foram abolidas, e o mercado cria uma ilusão de que a ação humana é livre e os problemas estruturais como desemprego, pobreza e marginalização estariam relacionados a dificuldades pessoais. A difusão das ideias a respeito da globalização evoca igualdade e uniformidade de culturas, ao apagar as diferenças entre Centro e periferia constitui em uma ilusão difundida na contemporaneidade. Portanto, o globocentrismo proporciona a diferenciação do mundo com a desigual distribuição de poder e riqueza entre os países encoberta por essa aura de um mundo mais homogêneo e do avanço da ciência e da tecnologia para todos que tem por objetivo o progresso.

CONCLUSÃO

Perceber as relações entre dominantes e dominados nos diferentes períodos da história e a difusão de ideias as quais enalteciam povos e subjugavam os outros foram retratados e são repetidos com novas roupagens. Neste sentido, torna-se fundamental entender os paradigmas impostos pelos povos dominadores como o eurocentrismo, o ocidentalismo e na atualidade o globocentrismo, refletindo as farsas e as formas utilizadas para explorar, subjugando povos e suas culturas. Portanto, a experiência histórica demostra, que o capitalismo mundial está longe de ser uma to-

talidade homogênea e contínua. Ao contrário, o padrão de poder mundial que se conhece como capitalismo é, fundamentalmente, uma estrutura de elementos heterogêneos, tanto em termos das formas de controle do trabalho-recursos-produtos concretizados nas relações de produção ou em termos dos povos e histórias articulados nele. Em consequência, tais elementos se relacionam entre si e com o conjunto de maneira também heterogênea e descontínua, ou mesmo conflitiva. Configurados de formas diferenciadas buscam reproduzir-se, utilizando-se do meio técnico cientifico, mas, concomitantemente resgatando práticas eurocentristas.

RESUMO

Estudar os Países Centrais e os paradigmas criados por esses povos se faz necessário para entender as contradições configuradas no espaço geográfico. Entender os instrumentos de dominação, utilizados pelos Países Centrais nos diferentes períodos, considera-se como essencial para o entendimento da concentração de riquezas e poder nos referidos países, assim como as discrepâncias advindas desse modelo nos países periféricos. Torna-se fundamental para o entendimento das relações de poder, buscar os referências e as práticas criadas para subjugar povos, culturas em nome de uma razão civilizatória e da fé.

ATIVIDADES

1. Analise a descrição de Von Martius e relacione ao conceito de eurocentrismo:

No início do século XIX, o naturalista alemão Carl Von Martius (1982 esteve no Brasil em missão científica para fazer observações sobre a flora e a fauna nativas e sobre a sociedade indígena. Referindo-se ao indígena, ele afirmou:

Permanecendo em grau inferior da humanidade, moralmente, ainda na infância, a civilização não o altera, nenhum exemplo o excita e nada o impulsiona para um nobre desenvolvimento progressivo (...). Esse estranho e inexplicável estado do indígena americano, até o presente, tem feito fracassarem todas as tentativas para conciliá-lo inteiramente com a Europa vencedora e torná-lo um cidadão satisfeito e feliz.

De acordo com as observações do autor, conclui-se que o naturalista Von Martius defendia:

1. Discriminava preconceituosamente as populações originárias da América.
2. Desvalorizava os patrimônios étnicos e culturais das sociedades indígenas e reforçava a missão "civilizadora européia", típica do século XIX.

Resolução

Quantas vezes já ouvimos estes tipos de questionamentos e a repassamos sem refletir criticamente sobre eles? Você poderia listar algum tipo de incoerência ou inadequação que você já presenciou em sala de aula ou nos meios de comunicação. Registre aqui e publique no Ambiente Virtual para que seus colegas compartilhem sua experiência

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Pode-se entender, então, que o que caracteriza o eurocentrismo é a noção de que qualquer coisa que fuja à lógica cultural europeia é considerada menor, ou menos importante, uma vez que a mesma se torna um padrão, praticamente uma verdade universal. Logo, é preciso desmistificar essa visão eurocêntrica, inclusive nas aulas de Geografia quando utilizamos as representações cartográficas que apresentam a Europa como centro do universo.

LEITURA COMPLEMENTAR

Eurocentrismo e américa latina
http://www.youtube.com/watch?v=Cghp1eO6xeM

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula vamos conhecer a temática da Divisão Internacional do Trabalho, sua origem, evolução e as discussões referentes a nova DIT conceitos essências para o entendimento da configuração socioespacial e o domínio dos países Centrais e suas relações com os países periféricos.

AUTOAVALIAÇÃO

Releia o texto aqui apresentado, destaque os conceitos relacionados com o Eurocentrismo e Ocidentalismo e Globocentrismo. Faça uma reflexão das consequências advindas desses paradigmas na América e particularmente no Brasil. Aprofunde seus conhecimentos com a leitura complementar sugerida.

REFERÊNCIAS

CORONIL. Fernando. Natureza do pós-colonialismo; do eurocentismo ao globocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, setembro, 2005, pp.105-132.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, setembro, 2005, pp. 55-70.

JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo – A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio**. São Paulo: Ática, 2004.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, setembro, 2005, p.227-278.

VON MARTIUS. Carl. **O estado do direito entre os autóctones do Brasil.** Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1982.